

Nome da actividade:

MAIS UMA ILHA NOS AÇORES

Objectivos:

- Descrever oralmente um espaço natural e um espaço urbano, fazendo uma apresentação dos mesmos para o resto da turma.
- Redigir um texto narrativo com base numa planificação prévia dos conteúdos e a organização do mesmo.
- Comparar dois textos narrativos, com atenção aos elementos comuns e diferentes.
- Organizar um vocabulário básico sobre ambiente, seleccionando os ítems mais importantes e descartando os supérfluos.
- Familiarizar-se com a geografia e cultura das ilhas dos Açores com recurso a textos escritos e materiais audiovisuais.

Conteúdos:

- Vocabulário de ambiente natural e urbano.
- Elementos gramaticais necessários para narrar e localizar no tempo e no espaço: pretérito perfeito simples, preposições, advérbios de lugar e tempo, etc.
- Conectores textuais necessários para organizar um texto narrativo.
- Elementos necessários para organizar com coerência e coesão a apresentação oral de um texto descritivo.

Materiais:

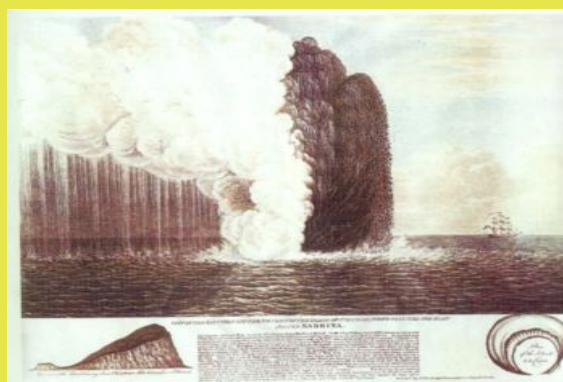
- Mapas e plantas de cidades em português.
- Cartolinas e marcadores.
- Música dos Açores para ambientar as sessões de trabalho em grupo. Por exemplo, do grupo de cantares Belaurora.
- Opcionalmente, algum documentário sobre os Açores para complementar a actividade com alguma projecção. Por exemplo, *Ilhas Míticas*, de Antonieta Costa.

1. Repara nestes desenhos:



Fonte: wikipédia

O que aconteceu?
A quem? Onde?
Quando? Como?



Fonte: wikipédia

Imagina o que aconteceu e conta-o no espaço disponibilizado na página seguinte. Antes de escrever, escolhe um título e a ideia central de cada um dos cinco parágrafos:

Título:

1. -

2. -

3. -

4. -

5. -

Debate:

Que palavras ou expressões utilizaste para situar os acontecimentos no tempo e no espaço?

Lê agora os dois textos na página seguinte:

1. Qual achas que condiz melhor com as imagens mostradas?
2. Há uma diferença muito grande com a história que tu inventaste?
3. Que elementos as duas histórias têm em comum?

A fragata Sabrina, um belo veleiro da frota imperial, arribou a Ponta Delgada no dia 12 de Junho de 1811, bordejando a ilha de São Miguel por sudoeste. Os tripulantes observaram fumarada à superfície do mar por fora do Pico das Camarinhas e as águas do oceano encontravam-se decerto descoloridas e manchadas com peixe morto.

O capitão, mr. Tillard, manteve-se informado sobre o vulcão, fenómeno que nunca dantes vira e que agora o apaixonava. A 4 de Julho o vulcão parou subitamente e deixou de existir o tremor contínuo e pouco acelerado que havia nos Ginetes desde inícios de Junho. O tempo também se encontrava favorável a mais uma expedição.

Desse modo Tillard convidou os cônsules seus amigos para a fase seguinte, ou seja, rodear a ilha, desenhá-la e ...conquistá-la!

Assim se fez; arriaram um bote, remaram em águas ainda quentes, encalharam o bote numa praia de areias negras e fumegantes, abalançaram-se terra dentro e ali fincaram, o mais alto possível, a bandeira inglesa, símbolo do Império e marco milenário de mais uma conquista.

A ilhota estava a cerca de uma milha náutica de terra, tinha quase 50 braças de altura, uma milha de perímetro e a forma de anel rebaixado para a ilha-mãe (São Miguel) tal como hoje o ilhéu de Vila Franca.

A história da Sabrina (exemplo da ganância inglesa...) é bem mais apaixonante e deixou marcas para a posteridade. Só desse modo se explica porque Urbano Carrasco, famoso jornalista do Diário Popular e Carlos Peixoto, faialense dos quatro costados, arriaram um pequeno bote no porto do Comprido e, em manobra tresloucada, mas emocionante, foram espetar a bandeira portuguesa na ilhota dos Capelinhos, numa manhã de Outubro de 1957. Receavam que a denominada Ilha Nova se tornasse estrangeira, tal como a Sabrina.

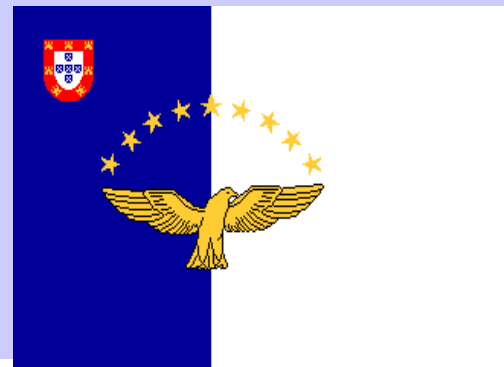
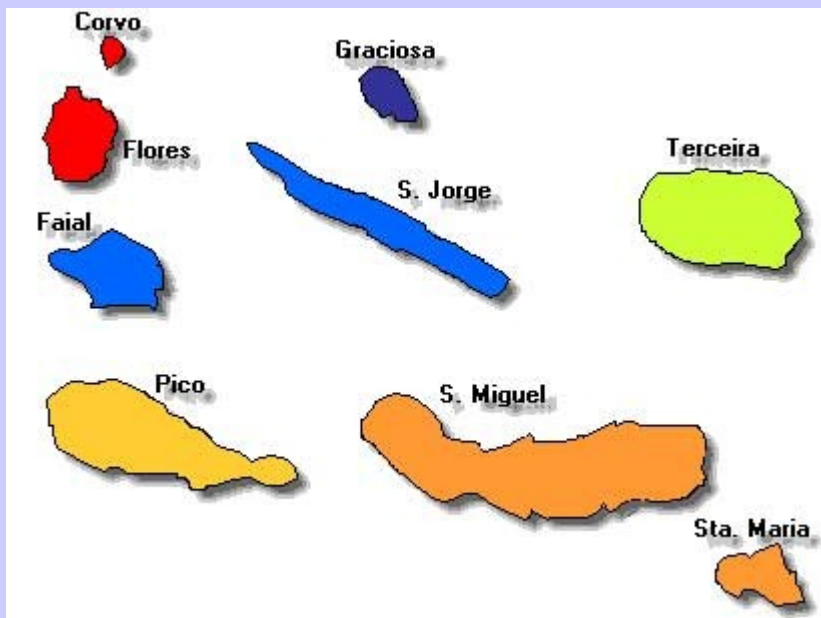
Fonte: “<http://basaltonegro.blogspot.com/2008/01/sabrina-ilha-aoriana-que-recusou.html>”

(..) Contudo, entre as expedições melhor documentadas conta-se aquela que o flamengo Ferdinand van Olm (conhecido na historiografia açoriana por Fernando de Ulmo ou Fernão Dulmo) capitaneou. Aquele aventureiro flamengo, em tempos residente nos Açores e ali casado com uma filha de Fernão Teles, recebeu em 1486 autorização do rei D. João II de Portugal para achar o paradeiro da ilha onde estaria localizado o reino cristão perdido das Sete Cidades, o mesmo que o seu sogro teria reconhecido anos antes. De parceria com Afonso do Estreito, um madeirense, organizou uma expedição, com co-financiamento real, destinada à conquista das ilhas e terras firmes das Sete Cidades.

Infelizmente Fernão Dulmo não teve melhor sorte que os seus antecessores, mas, ainda assim, já em pleno século XVII, organizou-se na Terceira uma expedição para explorar o oceano a noroeste do arquipélago, onde teria sido avistada uma ilha desconhecida.

Nos Açores sobrevive até aos nossos dias a lenda da ilha encantada que apenas pode ser avistada por volta do dia de São João (24 de Junho), sendo naquele período frequente o registo visual de ilhas desconhecidas a pontuar o horizonte insular, na realidade bancos de nevoeiro (os temidos nevoeiros do São João que levam ao encerramento dos aeroportos por dias seguidos) e nuvens distantes a emergir do horizonte.

Fonte: Wikipédia (“Sete cidades, lenda”)



[Trabalho em grupo] Façam de conta que com efeito surgiu uma décima ilha nos Açores. Desenhem o mapa da tal ilha numa cartolina e apresentem o resultado aos outros colegas de turma, tentando seduzi-los para que realizem uma visita. Depois apresentem a ilha de modo e conseguir que os seus colegas desistam mesmo de lá ir. Os seguintes elementos devem ficar reflectidos no mapa:

- Nome da ilha e gentílico dos seus habitantes
- Situação
- Principais acidentes geográficos (desenhados na cartolina)
- Nome e localização de uma cidade principal e várias vilas e aldeias
- Principais vias de comunicação
- Estatuto político da ilha dentro ou fora da República Portuguesa
- Clima
- Flora
- Fauna
- Principais actividades económicas
- Possibilidades para realizar actividades de lazer

**A ILHA QUE FERNÃO
DULMO PROCURAVA...**



[Trabalho em grupos] Eis aqui acima a planta de Angra do Heroísmo, uma das mais belas cidades dos Açores e da República Portuguesa.

Projectem a planta de uma cidade da vossa ilha, podendo consultar as doutras cidades de países em que a língua portuguesa é falada. Os seguintes elementos devem ficar reflectidos na planta:

- Nome da cidade e gentílico dos seus habitantes
- Nomes de ruas, avenidas, praças, largos, etc.
- Monumentos
- Serviços

Podem servir-se de nomes de personagens, instituições, datas, etc. correntes nos nomes de ruas de cidades portuguesas para tornar a planta mais realista.

Apresentem a cidade ao resto da turma, tentando seduzir os seus colegas para realizarem uma visita. Depois apresentem a cidade de modo e conseguir que os seus colegas desistam mesmo de lá ir.

DISCUSSÃO FINAL

[Em grupos]

- Que vocabulário aprendeste nesta actividade? Faz cinco grupos com o vocabulário aprendido e compara com o dos teus colegas de turma. O que vais fazer para reter o vocabulário que achas útil?

- Que elementos gramaticais foram trabalhados nesta actividade?

- O que aprendeste sobre os Açores nesta actividade?